



Ali Kamel

25 de março de 2018 · 🧑



Conheci o Toninho Drummond quando ele tinha 55 anos, um ano a menos que eu hoje. Era 1991, ele era o diretor regional da Globo em Brasília e eu tinha acabado de chegar à cidade para dirigir a sucursal do Globo. Sem que ninguém intercedesse por mim, Toninho me chamou para almoçar, num de seus típicos gestos de gentileza. No primeiro encontro, me despertaram a atenção os olhos puxados, eternamente um pouco inchados, a voz sempre de alguém que acaba de acordar, ou de quem fumou muito, ou de quem tossiu muito ou está prestes a tossir, ou de quem está saindo de um resfriado ou entrando num, entre o rouco e o nasalado. Nunca o vi resfriado ou com gripe. Eram características dele, e compunham bem a personalidade doce, gentil. E que muitos confundiam, muito erradamente, como as de alguém numa eterna ressaca. Nunca vi Toninho beber mais do que um ou dois copos de vinho numa refeição, nunca o vi fumar (apenas um charuto depois de jantar). Tudo era a marca registrada do Toninho, um charme a mais num tremendo contador de boas histórias. Tudo contado por ele tinha mais graça, pelo talento natural de prender a atenção, pelo tom de voz e a risada que apertava ainda mais os olhos. Eram histórias sobre coberturas de que participou, causos que ouviu de políticos os mais diversos, gafes que ele ou alguém cometia e remediava, uma pena que não estejam reunidas em livro. Adorava a história do cachorro Sarampo, de sua Araxá querida. Quantas pessoas estão aqui? E o cachorro latia x vezes. Quanto é a soma de dois mais dois? E Sarampo latia quatro vezes. Esse aqui é comunista? E Sarampo levantava a pata esquerda. Toninho contava aos risos e ficava zangado se alguém duvidava dele (Sarampo existiu, há um livro sobre ele, lembrou-me hoje a Cristiana Lobo quando eu, desesperadamente, tentava junto aos amigos lembrar a história da cadela Pipoca - "É Sarampo, Ali", me disse a Cris). Os obituários já falaram da viagem de Geisel ao Japão, durante a qual Toninho conseguiu o feito de obter para o repórter Geraldo Costa Manso uma entrevista com o presidente militar que raramente falava. Ou da entrevista que Ricardo Pereira fez com Saddam Hussein, arrancada a fórceps por Toninho, um de seus maiores êxitos. Toninho não se cansava de contar os detalhes de como as conseguiu. E, toda vez, prendia a atenção de todos nós, com sua voz, seus olhos, seu charme de contador de histórias.

Depois daquele primeiro encontro, Toninho passou a me chamar para os almoços com fontes que ele oferecia na Globo toda semana, uma oportunidade ímpar para quem estava recém chegado à capital. Logo descobri que Jorge Bastos Moreno era muito próximo dele, Moreno o chamava de padrinho, numa relação de muito carinho, bom humor e sarcasmo. Eram almas gêmeas, porque ambos tinham o natural dom de cultivar fontes, de conseguir furos, de transitar por todos os partidos, todos os poderes, todos os gabinetes. Os dois eram generosos com os colegas jornalistas, e para comigo em especial. Mais um pouco, e descobri que Rodolfo Fernandes, então coordenador de política da sucursal do Globo, que, antes de casar, tinha dividido uma casa com Moreno, era também próximo de Toninho, de quem gostava muito. Uma sorte ter me aproximado tanto dos três logo de cara e de ter sido tão bem acolhido por eles.

Três anos depois, eu estava de volta ao Rio. Rodolfo e Moreno acabaram no Rio também. Toninho, nunca. Mas sempre que nos víamos era aquele carinho. Algumas viagens em grupo difíceis de esquecer, como a Parati ou a Aparecida para a Crisma do Moreno, uma turma enorme, cujas fotos, numa dessas coincidências premonitórias, Heraldo Pereira me mandou na quarta-feira, um dia antes da internação do Toninho. Quando passei a trabalhar na Globo, ficamos novamente mais em contato. Compartilhamos experiências marcantes, como entrevistas cruciais com presidentes como Fernando Henrique, Lula e Dilma, para citar apenas alguns momentos.

Demorei a escrever essas linhas sobre Toninho porque, claro, fiquei muito abalado.

Rodolfo foi o primeiro a nos deixar. Ano passado, foi-se o Moreno. E, agora, Toninho.

Aquela Brasília que conheci, e que me formou, ainda está lá com muitos e bons e queridos amigos, ainda bem. Mas sem o trio que eu chamaria de ouro. Este, apenas no meu coração, para sempre.



185

38 comentários

Curtir

Comentar